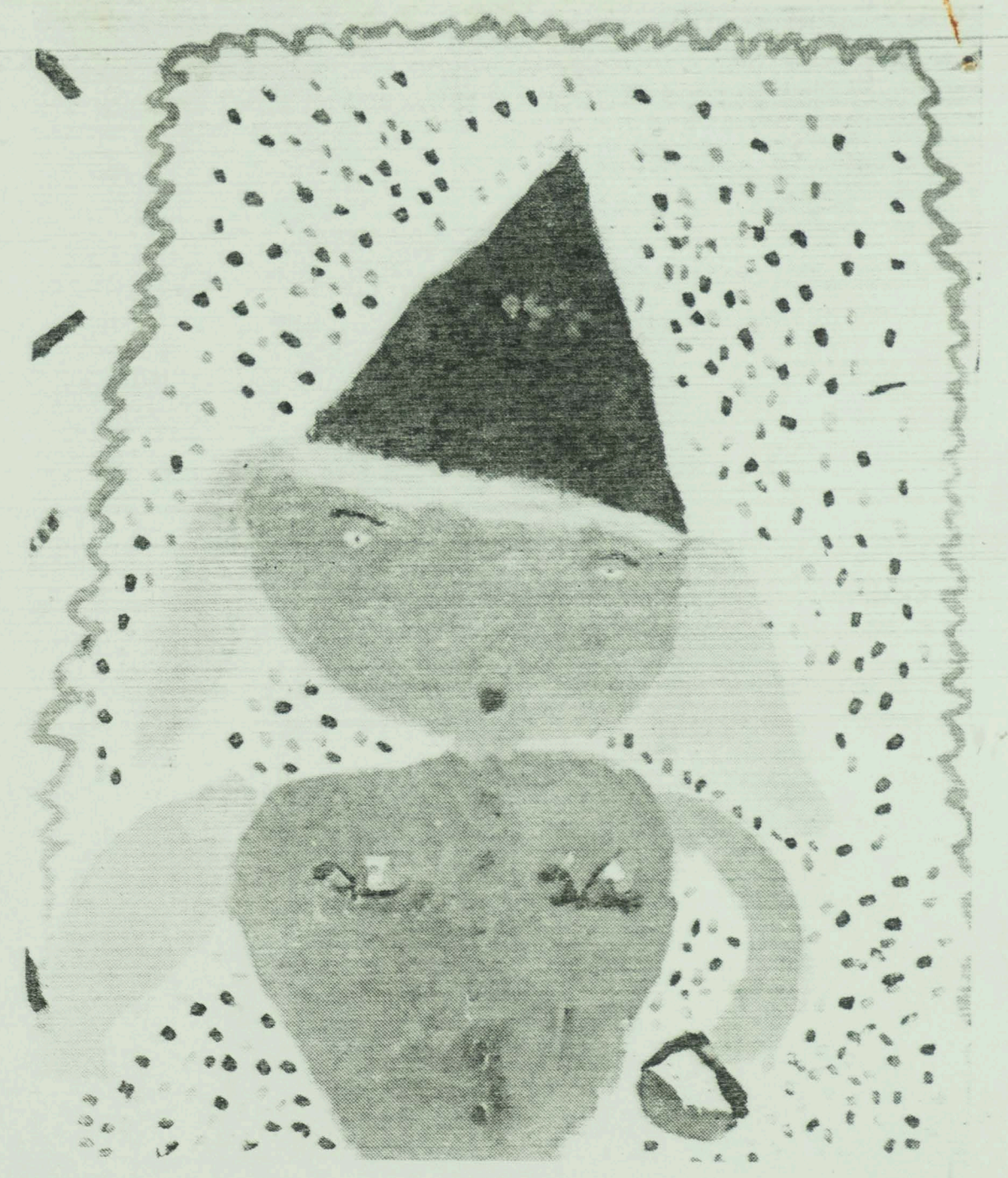


falta a 1ª folha: Prefácio



**5.^a exposição
de pintura de crianças**

museu de arte moderna do rio de janeiro

instituto de arte contemporânea

3^a

Maria Leticia Dobbin, 11 anos



turamente uma abstração geométrica em oposição ao seu inato realismo, tão típico e delicado. As influências sociais, familiares e de toda sorte — rua, cinema, esporte, eletrônica — já são tão sensíveis na vida psíquica da criança que se torna, não apenas redundante, mas agressiva, a intervenção direta do adulto na largada e no desenvolvimento da aventura gráfica infantil. Com o mesmo espírito com que lhe ministram matemática, geografia, noções morais e cívicas, querem dar-lhe visão adulta da natureza, movimentos maduros, espírito crítico maduro; buscam dirigir-lhe a imaginação e substituir-lhe o dom poético em estado de graça, por uma espécie de fantasia racional, melancólico testemunho de como, na maiorias das “pessoas grandes”, o sentimento da infância, que deveria ser uma riqueza para toda a vida, não somente se perdeu, mas o que é pior, mergulhou em esquecimento.

A essa ameaça da escola ao tranqüilo desenvolvimento de valores essenciais da personalidade, procura remediar o que poderíamos chamar de “anti-escola”, não porque a anime intuito polêmico (longe disso), mas porque serve de antídoto à descaracterização promovida pela outra, ao preservar a fina substância individual que a pedagogia, aplicada em grosso, não leva em conta. Dia virá, e que não tarde até os filhos de nossos netos, em que os métodos de livre criação, e de projecção da experiência vivida, postos em prática pelos cursos não oficiais de arte, serão assimilados pela escola primária e pelo ginásio, que assim se enriquecerão e humanizarão com proveito para o aprendizado geral.

Deixar a criança abrir por si mesma o caminho que a levará a exprimir seu conceito plástico do mundo e, até, a revelar-nos alguns de seus enigmáticos tesouros, eis o pequeno grande segredo de professores como Augusto Rodrigues e Ivan Serpa, na trilha, aliás, de Claparède, que parece ter sido o primeiro a dar carta de alforria ao desenho infantil, ao mandar meninos de Genebra, em 1903, rabiscar o que bem entendessem, quando não estivessem cansados, enervados ou desejosos de outra ocupação. Agindo dessa maneira, isto é, deixando de agir, o adulto mais atilado sente que não está propriamente concedendo uma permissão à criança: está impondo a si mesmo uma proibição, pois lhe é muito difícil não identificar sua personalidade com a do filho ou aluno, para recomeçar, com a alma e os dedos do outro, a aventura gráfica malograda de seus verdes anos.

Fruto dessa atitude que exige humildade, paciência, tato, amorosa dedicação simulada em desinteresse, e intuição do espírito infantil em seus matizes ainda imperfeitamente classificados pela ciência (mal começamos a definir a estrutura do mundo mental da criança, advertem-nos os manuais de psicologia), é a V Exposição de Pintura de Crianças, que o Museu de Arte Moderna apresenta ao público. Recolhe-se a safra de 1956, e com ela se propõe um valioso material à apreciação de educadores e pais. Todos são convidados a contemplar com olhos desprevenidos esta sucessão de pinto-



Vera Lúcia Menezes, 13 anos

res de 4 a 14 anos, que apenas vislumbram a pintura mas a vivem e praticam como forma, entre tantas outras, de linguagem cotidiana, expressão de conteúdos psíquicos, desaguadouro de impressões concentrada no mais puro e refochado de cada um.

Por cima do desenho básico, as cores relumeantes, tão de agrado dêste povinho, ora valendo como simples recurso ornamental, ora constituindo elemento integrante do objeto figurado, ora servindo simultaneamente a êsse duplo fim, dão idéia do que são nossas crianças de hoje, tão parecidas com as de todos os tempos em todos os países ("a arte infantil não chega a assumir, em parte alguma do mundo, caráter nacional": Herbert Read), e ao mesmo tempo tão diferentes de quaisquer outras, e mesmo umas das outras, e até cada uma de si mesma, em dois flagrantes sucessivos. Pois cada boneco esboçado por uma criança no mundo inaugura um novo mundo dentro do existente, e não há filosofias ou psicologias pragmatistas que logrem reduzir a esquemas fixos os processos criadores e renovadores da infância, tornando-os simples reações à provocação de influxos externos.

No meio dêsses garotos e garotas que se divertem distribuindo formas ao sabor de sua imaginação, e que explicam a seu modo o significado de cada pintura, não nos preocupemos em pressentir o futuro artista que abalará a sensibilidade geral e incorporará novas estruturas e conteúdos afetivos aos do repertório plástico de hoje. Não é êste o objetivo do curso de arte espontânea: fabricar um artista. Mas, por outro lado, tem êle o condão de impedir que o eventual artista deixe de realizar-se a seu tempo por um inadequado convívio com os meios de expressão plástica oferecidos a todos os homens, tanto normais como excepcionais. Quanto mais não seja, ao sair desta escola que não lhe propõe uma ordem, mas lhe sugere uma liberação de bens naturais, o adolescente adquiriu meios de participar da beatitude de contemplação artística, penetrou no segredo (público e tão escondido!) das relações entre espaço, forma e cor, — em suma: aprendeu a ver, ciência difícil. É a lição de Lúcio Costa, ao recomendar uma educação artística "entendida não com propósitos de requinte cultural, mas como o pão e o vinho eram para os antigos, ou seja, visando, atender às necessidades humanas primárias e fundamentais".

Guardemo-nos de atitudes imutáveis diante dêstes meninos. Não lhes peçamos mais do que aquilo que podem dar-nos; não nos extasiemos diante do que fizeram por acaso ou, mesmo, por graciosa inabilidade, comprometendo assim a modesta auto-avaliação de seus autores. Particularmente, fugir às litâneas da admiração doméstica em face da primeira garatuja... A figura humana reproduzida simultaneamente de face e de perfil não é positivamente um Picasso 1937, que a ela atingiu por um requinte de especulação e reelaboração, mas sinal de que a criança passa de uma fase inicial de realismo para outra mais complexa, e hesitando em renunciar

Maria Cecilia Velasco Cruz, 9 anos



ao conhecimento anterior, superpõe um a outro. Picasso e o menino se encontram — mas com a arte no meio, ponte e ao mesmo tempo rio a separá-los. Outro menino esboça um cavaleiro de perfil, com ambas as pernas visíveis: a transparência é uma fase elementar na evolução do desenho infantil, um índice de visão inesperta, e contudo também realista, que não quer abrir mão do conhecimento físico adquirido: se o ser humano tem duas pernas, é preciso representá-las num trabalho sincero. Não se veja nisso humor ou fantasia, mas um dado do florescimento psíquico.

Por outro lado, não recusemos à criança aquilo que ela tem e às vezes esconde; não amesquinchemos a significação de seus trabalhos nem os confundamos com produtos da mentalidade primitiva. A criação infantil só tem significação se avaliada em sua dimensão própria — e então alegrias, inquietações, vôos de obscuro lirismo, pungências, tudo que povoa a alma surpresa e surpreendente, em sua descoberta da terra e dos homens, se entremostra e confere grandeza própria ao que parecia mero exercício honesto.

Já foi suficientemente refutada a concepção de Lamprecht, que, partindo de suposta identidade entre o desenvolvimento das espécies e o dos indivíduos, assimilava a produção "artística" infantil à dos selvagens e à dos homens pré-históricos. No álbum de Koch-Grunberg sobre índios brasileiros, observadores encontraram desenhos muito parecidos com o de meninos europeus, com os mesmos enganos de representação. Mas não foi esclarecido se tais desenhos eram típicos da atividade gráfica indígena, e pode bem ser, como observa Georges Rouma, que em sua aparência tosca indicassem antes elementos excepcionais da tribo. Quanto aos criadores do paleolítico, a comparação, de tão honrosa, seria insustentável para a criança: qual o artista civilizado de hoje que não daria tudo por atingir ao extremo requinte e beleza de uma pintura parietal madaleniana, em que duas renas se entestam numa admirável estrutura rítmica?

Socorrendo-nos de verdades provisórias de psicologia e antropologia cultural, chegaremos a entender um pouco a linguagem das manifestações plásticas da criança que já fomos e de que perdemos consciência. Um pouco. O resto será invenção do amor, esse mestre da boa vontade, embora corramos sempre o risco de ver o que não existe, e de omitir o que está claro. Não importa. A força de contemplar, observar e permitir o livre curso de aventura mental e manual, acabará o adulto por compreender o que lhe dizem as crianças. Isso o reintegrará em suas fundações, e talvez o habilite a tornar menos dura a vida dos pequenos, inclusive os felizes. Não são pintores, não são poetas estes meninos: são meninos, o que é muito mais misterioso, por absurdo que pareça — e também muito mais delicioso.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE